

FISIOTERAPIA E PALIAÇÃO: TEMOS ALGO A FAZER?

Alexandre Roque da Silva¹

Rhayssa Ferreira Brito²

A história dos cuidados paliativos inicia-se por volta do séc. V, quando Fabíola, discípula de São Jerônimo, tratava de peregrinos no Porto de Roma viajantes esses provenientes da Ásia e África, num local muito parecido com uma espécie de albergue, mas já exercendo as características de um *hospice* (traduzido para o português, hospício). No séc. XIX, muitas organizações religiosas deram continuidade a esses locais para tratamento de enfermidades crônicas.

Na década de 1960, Cicely Sanders funda o St. Christopher's Hospice voltado para os cuidados de enfermos crônicos e mas apenas em 1980 a Organização Mundial de Saúde publica o que seria o primeiro conceito de cuidados paliativos destacando o cuidado ativo e total para pacientes cuja doença não é responsiva ao tratamento de cura com o controle da dor, de outros sintomas e de problemas psicossociais e espirituais. O objetivo desta modalidade tratamento é proporcionar a melhor qualidade de vida possível para o paciente e familiares. A partir de então, conclui-se que o local de cuidados paliativos existiu antes do mesmo do seu conceito.

Tendo em vista a conceituação do cuidado paliativo, acredita-se que a fisioterapia possa beneficiar e muito este tipo de pacientes. Em 2005, na revista brasileira de cancerologia, foi publicada uma revisão enfatizando o papel da fisioterapia no paciente com câncer onde destaca-se: a atuação contra os quadros álgicos; condições osteomioarticulares adversas (contraturas, espasmos, encurtamentos, rigidez articular etc.). Acredite, vivemos na era da mobilização.¹

Muitas vezes essas disfunções são consequências não diretamente da enfermidade gatilho da paliação, mas pelo simples fato de o paciente encontrar-se mais depressivo, acamado, restrito ao leito, imerso na tal síndrome do imobilismo. Com atuação também na dispneia, função tóraco-diafragma-pulmonar, e no

¹ Fisioterapeuta, doutorando em neuropsiquiatria e ciência do comportamento – Universidade Federal de Pernambuco.

² Psicóloga, mestre em saúde da criança e do adolescente pela Universidade Federal de Pernambuco.

desmame da assistência ventilatória, a conduta fisioterapêutica deve ser estimulada.²

Num estudo retrospectivo de 3 anos, com pacientes idosos graves em cuidados paliativos definidos, avaliando-se o pós extubação dos mesmos, demonstrou-se como resultados uma sobrevida variando de 4 minutos a 7 dias após a extubação. Este estudo embora retrospectivo, aponta para uma vertente no reestabelecimento da qualidade de vida, considerando inclusive um contexto muito ousado enquanto conduta como a extubação.³

Entretanto, cabe uma reflexão, se o que a fisioterapia no intuito dar mais qualidade no fim da vida, pode causar dor, desconforto ou mesmo o paciente dentro da sua gravidade terminal já contraindica qualquer abordagem, acreditando-se melhor seguir com o curso natural da vida não sendo necessário qualquer conduta, ou seja, essa é a conduta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARCUCCI, Fernando Cesar Iwamoto. O papel da fisioterapia nos cuidados paliativos a pacientes com câncer. Revista brasileira de cancerologia, v. 51, n. 1, p. 67-77, 2005.

MORITZ, Rachel Duarte et al. Endoflifeandpalliativecare in intensivereunit. Revista Brasileira de Terapia Intensiva, v. 20, p. 422-428, 2008.

PAN, Cynthia X. et al. Howlong does (S) hehave? Retrospectiveanalysisofoutcomesafterpalliativeextubation in elderly, chronicallycriticallyillpatients. CriticalCare Medicine, v. 44, n. 6, p. 1138-1144, 2016.